

A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA IMAGEM DO REI SÁBIO

THE HISTORIOGRAPHICAL CONSTRUCTION OF THE WISE KING'S IMAGE

PAULA DE SOUZA VALLE JUSTEN*

Resumo: Alfonso X, o Sábio, é um dos reis mais representativos do período que se convencionou chamar Idade Média. A alcunha, que lhe fora conferida ainda em vida, costuma remeter tanto a uma imagem de bom governante quanto de um reinado próspero, o que sabemos que não coincide com os momentos de intensa turbulência política vividos naquela época. No entanto, mesmo na historiografia mais recente, prevalece uma interpretação que ameniza os entraves à política de Alfonso, favorecendo o estudo das obras escritas produzidas nas oficinas régias. Assim, este trabalho se propõe a explorar as formas pelas quais se construiu a imagem hegemônica do rei castelhano Alfonso X através da historiografia.

Palavras-chave: Alfonso X; Historiografia; Imagem régia.

Abstract: Alfonso X, the Wise, is one of the most representative kings during the period conventioned as Middle Ages. The “wise” sobriquet, which was given to him while alive, commonly refers to an image such as of a good *gouvernant* as of a prosper reign, what we know that doesn't coincide with the moments of intense political turmoil. However, even in the most recent historiography prevails an interpretation that ease the obstacles to Alfonso's politics, favoring the study of the written compositions produced in the king's ateliers. Therefore, the present work proposes to explore the ways in which the hegemonic image of castilian king Alfonso X was built through historiography.

Keywords: Alfonso X; Historiography; Royal image.

No imaginário construído pelo senso comum sobre a Idade Média povoam vários elementos-chave que dão sentido e localizam este marco cronológico no tempo histórico. Ao lado do castelo, do feudo e das relações vassálicas, temos como símbolo estruturante desse imaginário a figura do rei. No entanto, o rei medieval possui uma imagem muito própria, distinta da dos monarcas do Antigo Regime: diferentemente da imagem da corte, o rei

Artigo recebido em 16 de junho de 2016 e aprovado para publicação em 23 de outubro de 2017.

* Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense e membro do *Translatio Studii*. E-mail: paula.justen@hotmail.com

medieval está em movimento, frequentemente atuando em batalhas, cercado por seus vassalos e súditos.

Mesmo dentro do campo da História a imagem do rei é estruturante, tendo em perspectiva tanto o medievalismo propriamente dito quanto o entendimento de historiadores de outras áreas sobre a Idade Média. Mais do que a imagem do rei, podemos dizer que as imagens construídas sobre alguns reis específicos se tornaram verdadeiros marcos historiográficos. Nesse vastíssimo rol de personagens que se tornaram mitos, podemos elencar Carlos Magno, São Luís, Ricardo Coração de Leão, Frederico Barba Ruiva, assim como tantos outros, todos eles exercendo seu fascínio seja pela atuação em seu tempo, seja pelo seu legado posterior. E, em se tratando de legado, um dos mais paradigmáticos é Alfonso X, também conhecido pelo cognome *o Sábio*, rei de Leão e Castela de 1252 a 1284.

A alcunha de sábio já era difundida entre seus contemporâneos: profundamente erudito, era famoso por manter um grupo de sábios e poetas em volta de si, aprendendo, debatendo e compondo com eles – ambiente mais que propício para o florescimento das mais diversas artes. Seu *scriptorium* trabalhava constantemente: além de traduzir diversas obras do árabe para o castelhano, de lá saíram suas importantes obras jurídicas – *Fuero Real*, *Setenário*, *Espéculo*, *Las Siete Partidas* –, obras históricas, como a *Primera Crónica General de España* e a *General Estoria*, e obras literárias como as famosíssimas *Cantigas de Santa Maria*. O legado cultural de seu reinado foi sem precedentes, assim como seu legado jurídico, e, embora Alfonso X não tenha conseguido colocar em vigência as *Siete Partidas*, a maior obra jurídica medieval, desde sua promulgação por Alfonso XI, no século XIV, elas tiveram força legal até o XIX.

Interessante notar, sobre este brilhante legado, o fato de que ele acaba por ocultar a trajetória política do próprio Alfonso X: se as fontes que chegaram até nós fazem parecer o seu reinado uma época de esplendor e prosperidade, a verdade é que o rei sábio teve que enfrentar uma série de entraves ao seu projeto político de centralização monárquica. Após dois séculos de progressiva expansão territorial, culminada no reinado de Fernando III (pai de Alfonso X), finalmente o reino de Castela entrava em crise, às voltas com uma grave inflação monetária.

Seu projeto de se tornar também imperador do Sacro Império Romano Germânico, o *fecho del império*, também pouco enchia os olhos de uma nobreza que sabia os riscos de um monarca que se quer poderoso demais. Pelo mesmo motivo, a mesma nobreza impediu a promulgação das *Siete Partidas*, que passavam por cima dos direitos locais que tanto favoreciam os senhores. Alfonso X enfrentou ao menos quatro revoltas durante seu reinado,

as duas últimas, em 1275 e 1282, foram controladas por muito pouco – seu irmão Don Manuel até mesmo ousara tirar-lhe as funções de rei em Valladolid, em 1282.¹ No fim de sua vida estava praticamente isolado politicamente.

Ter em perspectiva essas duas faces do reinado de Alfonso X revela também qual foi o discurso hegemônico construído sobre este rei. Diante da profusão de trabalhos sobre as suas obras, consideradas, e com bons motivos, um marco na cultura ocidental, é de se notar o expressivo silêncio sobre os seus frequentes fracassos políticos. Pois é este discurso hegemônico que pretendemos mapear agora, a fim de identificar a forja do mito do rei sábio.

Para isso, primeiro identificaremos a imagem construída sobre o Alfonso X em alguns dos mais correntes livros de referência sobre a Idade Média utilizados no Brasil, ao que mais se aproxima do que chamamos de senso comum sobre o monarca. Num segundo momento, nos voltaremos para o debate hispânico: quando e como a imagem dele foi utilizada – um debate que diz mais sobre a própria concepção do que é ser espanhol do que sobre o personagem Alfonso X em si. No terceiro momento, uma abertura para os hispanistas de fora da Europa, uma produção muito fecunda e menos influenciada pelas marés franquistas. E, por fim, algumas considerações sobre este longo debate.

A imagem consagrada: representação de Alfonso X nos grandes manuais sobre Idade Média utilizados no Brasil

Jacques Le Goff, em seu livro *As raízes medievais da Europa*, define, no título do quinto capítulo, o século XIII como “A ‘bela’ Europa das cidades e das universidades”. É o momento do apogeu do ocidente medieval: auge do crescimento urbano, do desenvolvimento do comércio e também da consolidação do saber, a partir da profusão e do sucesso das universidades.² É também o momento da consolidação das monarquias feudais.

O latim progressivamente perdia lugar para as línguas vernáculas como língua oficial, assim como estas tendiam a se conformar cada vez mais aos limites dos reinos de origem. No desenvolvimento burocrático das novas unidades políticas centradas na monarquia, as chancelarias régias passam a adotar as suas respectivas línguas vernáculas como língua oficial do reino. Concomitantemente, temos a profusão de textos literários também em língua vulgar, assim como tratados jurídicos, legislativos e filosóficos. Nesta Europa onde o saber triunfa, Le Goff credita ao rei sábio sua cota de contribuição: anteriormente um estabelecimento real,

¹GONZÁLEZ JIMÉNES, Manuel. Alfonso X, rey de Castilla y León (1252-1284). In: MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (coord.). *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las ‘Cantigas de Santa María’*. Madri: Complutense, 1999, p. 10.

² LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 143.

à Salamanca só foi dado o privilégio de universidade depois da *carta magna* de Alfonso X, em 1254.³

Do mesmo modo, dentre o vastíssimo volume de obras atribuídas ao monarca, Le Goff destaca, dentro do contexto de expansão da devoção mariana, as Cantigas de Santa Maria, obra escrita em galego-português e dedicada à Virgem com uma série de miniaturas iluminadas.⁴ Nesse livro, voltado mais para a divulgação de perspectivas historiográficas sobre a Idade Média, Le Goff enfatiza o aspecto cultural do cognome de Alfonso X, apontando para a sua participação na ampliação da rede de universidades e na produção de obras literárias. Esta imagem se repete mais vezes em outra de suas obras mais conhecidas, organizada juntamente com o medievalista francês Jean-Claude Schmitt, o *Dicionário temático do ocidente medieval*⁵, coletânea de verbetes escritos por medievalistas especialistas. Alfonso X aparece nesta obra monumental em cinco verbetes distintos: “Centro /Periferia”, “Jogo”, “Judeus”, “Natureza” e “Rei”.

No verbete “Centro /Periferia”, escrito pelo próprio Jacques Le Goff, o reino de Castela é localizado na periferia do mundo ocidental, e é assim identificado como um lugar de fronteira. A obra de Alfonso X é, então, definida como “uma política de mestiçagem, especialmente cultural”⁶, pois a presença tão numerosa de judeus e muçulmanos criaria uma situação especial em relação aos reinos da Europa Central. Essa hierarquização em relação aos chamados reinos centrais não acontece em seu outro verbete, “Rei”, no qual Alfonso X é apresentado, juntamente com Carlos V de França, como exemplo de rei erudito, em contraposição à maioria dos reis medievais, de modesta bagagem cultural.⁷

Os verbetes “Jogo” e “Natureza”, por outro lado, não qualificam o reinado de Alfonso X, mas trazem elementos que atestam a variedade de obras produzidas em sua corte: no verbete “Jogo”, Jean-Michel Mehl cita o *Libro del ajedrez, de los dados y de tablas*, primeiro manual dos jogos medievais⁸, enquanto Tullio Gregory, no verbete “Natureza”, cita o manual de magia *Picatrix*, traduzido do árabe para o castelhano na corte alfonsina⁹. Apenas Maurice

³ *Ibidem*, p. 177.

⁴ *Ibidem*, p. 114.

⁵ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. I e II.

⁶ LE GOFF, Jacques. Centro/periferia. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. I, p. 209.

⁷ *Idem*. Rei. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. II, p. 408.

⁸ MEHL, Jean-Michel. Jogo. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. II, p. 29.

⁹ GREGORY, Tullio. Natureza. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. II, p. 271.

Kriegel cita, no verbete *Judeus*, o maior projeto escrito de Alfonso X: a obra jurídico-legislativa *Las Siete Partidas*, destacando que, nessa obra, os judeus são permitidos a viver entre cristãos na condição de povo testemunha da vitória de Cristo, obrigados a expiarem o crime da crucificação através do cativoiro.¹⁰

Outro importante e difundido livro de referência para a Idade Média é *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*¹¹, do medievalista francês Jérôme Baschet. Discípulo de Le Goff, neste livro-síntese o autor busca entender a colonização da América tendo em perspectiva o sistema feudal operante na Europa desde, como o autor define, o ano mil, oferecendo como nexos explicativos o famoso conceito de Le Goff da “longa Idade Média”.

A abordagem processual de Baschet, valorizando as transformações engendradas dentro do Ocidente medieval, favorecem a apresentação de Alfonso X como um rei muito mais atuante do que ele aparece nas obras já citadas. Valorizam-se as obras literárias e científicas, mas na medida em que elas se inserem na gestão de uma nova concepção de poder régio, mais autônomo e concentrando funções antes dispersas entre os poderes senhoriais, a partir da qual a faceta do rei sábio é apenas uma dentre os vários avatares possíveis no período.

Todos os livros já citados são edições relativamente recentes e oferecem uma visão ampla tanto cronologicamente quanto espacialmente do que seria o Ocidente medieval. Em termos de história ibérica, um dos primeiros livros a chegar ao Brasil e que se tornou também um dos mais lidos é o *História medieval da Península Ibérica*¹², escrito pela historiadora francesa Adeline Rucquoi. Trata-se, na verdade, de um grande manual de história ibérica, em sua maior parte factual, mas, como toda obra, nunca neutra. No livro, Rucquoi apresenta uma imagem bem distinta daquelas apresentadas anteriormente: sua narrativa se centra principalmente nos acontecimentos políticos da península. Pode-se dizer que se trata de uma visão já superada de História; no entanto, oferece uma perspectiva de Alfonso X enquanto agente histórico que carece em geral nas demais obras que tratam do monarca, mesmo que todas apresentem objetivos distintos.

Alfonso X só aparece na segunda parte da obra, numa divisão cronológica da autora para a história dos reinos cristãos ibéricos. O eixo é cronológico, mas também espacial: o corte para a segunda parte se dá a partir da conquista de Toledo, em 1085, quando os cristãos

¹⁰ KRIEGEL, Maurice. *Judeus*. In.: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. II, p. 41.

¹¹ BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

¹² RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.

conseguiram finalmente recuperar a antiga capital visigoda. A partir de então, Rucquoi delinea a história política dos reinos cristãos peninsulares sob a égide do *imperium Hispaniae*, estabelecendo que, entre 1085 e 1212, se conseguiu definir certa unidade entre os reinos na reconquista da antiga *Hispania* romana e visigoda.

A ideia de *imperium* é recuperada e renovada no âmbito castelhano-leonês: Alfonso VI adotou o título de *imperator totius Hispaniae* em sua chancelaria¹³, Alfonso VII foi coroado imperador, submetendo o rei de Aragão à sua vassalagem¹⁴. No entanto, a partir de 1212, com a vitória de Navas de Tolosa, Rucquoi defende o início de um processo de desintegração desse império, com a maior autonomia de cada reino, assim como o acirramento das disputas dentro do bloco cristão.

Nesse novo contexto, Alfonso X aparece junto a seu pai, Fernando III, como centrais na construção da hegemonia castelhana sobre a Península Ibérica e na sua atuação sobre a fronteira com o remanescente reino de Granada. As obras jurídicas e das crônicas produzidas durante o reinado do rei sábio são, então, interpretadas como contribuições “para promover um ‘sentimento nacional’ que assentava na missão, no dever de os Castelhanos ‘restaurarem’ a Espanha visigótica”¹⁵. Conseqüentemente, o seu reinado é considerado como aquele que lançou as bases para a formação do Estado de Castela, um processo que culminou com a união das Coroas de Castela e Aragão por intermédio do casamento de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, em 1479.

Pode-se perceber, pela leitura dessas obras, uma tendência a uma maior valorização do legado cultural em comparação à obra jurídica do rei sábio. Além disso, apenas o livro de Adeline Rucquoi, por se delimitar à história ibérica, trata dos fracassos políticos de Alfonso X – ainda que *en passant*. Livros básicos de qualquer bibliografia sobre a Idade Média, esta apresentação unilateral do monarca contribui para reforçar o mito historiográfico do rei erudito, uma consagração *a posteriori* de seu projeto político fracassado.

Usos e abusos na Espanha

Um fato curioso sobre esta redenção *post mortem* é que ela também é tardia. Por longos séculos a alcunha de rei sábio, hoje considerada positiva e necessária para um bom governante, foi uma forma de salientar a sua suposta falta de manejo político, contrapondo erudição e capacidade de articulação política. Manuel González Jiménez relembra a frase do

¹³ *Ibidem*, p. 172.

¹⁴ *Ibidem*, p. 173.

¹⁵ RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995, p. 179.

padre jesuíta Juan de Mariana, um dos grandes escolásticos espanhóis do chamado *Siglo de Oro*, sobre Alfonso X: “Dumque caelum considerat observatque astra, terram amisit”¹⁶. O valor de seu reinado estava depositado na sua vastíssima produção intelectual e artística.

Há de se dizer que, apesar da longa tradição de intelectuais que pensavam e atualizavam o passado da Reconquista, o medievalismo espanhol propriamente dito se estabeleceu muito recentemente, no início do século XX. A chamada “Idade de Prata” da cultura espanhola foi também o início do que ficou conhecido por historiografia liberal espanhola. O grupo de historiadores desse período inicial ficou conhecido como “geração de 1919”, cuja produção era marcada pela história das instituições e pela análise textual das fontes.¹⁷

Nesse contexto, um dos mais importantes pesquisadores sobre Alfonso X foi Antonio Ballesteros Beretta, catedrático tanto da Universidade de Sevilha quanto da Universidade Central (posterior Universidade Complutense de Madri). Foi responsável por compilar e editar uma vasta documentação originária do reinado do rei sábio, como documentos de chancelaria¹⁸, mapear o itinerário do rei entre 1252 e 1259¹⁹, e também por escrever a primeira obra de referência sobre o monarca²⁰.

O medievalismo apenas começava, e foi em 1932 que foi finalmente criado o *Instituto de Estudios Medievales*, como seção do Centro de Estudos Históricos e comandado pelo famoso filólogo Ramón Menéndez Pidal, responsável por editar a *Primera Crónica General*²¹. No entanto, este medievalismo que começava a amadurecer sofreu uma ruptura com a Guerra Civil e a ascensão do ditador Francisco Franco; foi o fim da historiografia liberal espanhola.²² O mais ilustre medievalista da época, Claudio Sanchez-Albornoz, refugiou-se em Buenos Aires, fazendo lá uma dinâmica escola medievalista; Américo Castro estabeleceu-se nos Estados Unidos, também iniciador de uma geração de hispanistas americanos.

Aos que ficaram, retrocesso. O franquismo foi responsável por implementar um sistema universitário explicitamente inspirado nas universidades medievais, favorecendo uma

¹⁶ Tradução livre: “Enquanto estuda o céu e observa os astros, perdeu a terra”. Citado por GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. *Alfonso X el Sabio – Historia de um reinado (1252-1284)*. Burgos: La Olmeda, 1999, p. 333.

¹⁷ MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. Tradiciones y tendencias en el Medievalismo español. In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre/BUCEMA*, nº 8, 2004, p. 3.

¹⁸ BALLESTEROS BERETTA, Antonio. *Sevilla en el siglo XIII*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla, 2007.

¹⁹ *Idem*. *El itinerario de Alfonso X, rey de Castilla. 1252-1259*. Madri: 1935.

²⁰ *Idem*. *Alfonso X el Sabio*. Barcelona: Salvat, 1963.

²¹ MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (Ed.). *Primera Crónica General*. 2 vols. Madrid. Seminario Menéndez Pidal & Gredos, 1955.

²² MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. *Op. cit.*, p. 4.

hierarquização controlada pelas cátedras.²³ Apesar de limitada, a historiografia liberal foi responsável por uma profissionalização do ofício do historiador na Espanha, com grandes avanços nas discussões metodológicas.²⁴ O franquismo liquidou esta geração, dissolvendo-a. Muitos se exilaram, e os que ficaram se tornaram isolados pela nova configuração universitária. Recuperou-se o que havia de mais vulgar na narrativa histórica: o retorno de um enredo voltado para os grandes heróis do passado espanhol, uma história ilustre para um presente ilustre, cujo maior expoente foi frei Justo Pérez de Urbel.²⁵

A tendência geral da historiografia espanhola de 1940 a 1950 foi de um isolamento em relação às novas tendências historiográficas, uma história mais erudita que a história-problema trazida pelos *Annales*, com a notável exceção de Jaime Vicens Vives, historiador catalão que trouxe o primeiro estudo voltado para a História Social, com seu livro *Historia social y económica de España y América*²⁶. Nesta monumental obra, Alfonso X é apresentado através de sua atividade repovoadora na Andaluzia e em Múrcia, sua obra escrita relegada a segundo plano, representação contrária às tendências em voga na época. No entanto, Vicens Vives credita à repartição de Alfonso X a peculiaridade andaluza dos grandes latifúndios, realizando uma ligação direta entre um processo iniciado em meados do século XIII e a uma realidade contemporânea ao autor.

O ponto de virada na produção historiográfica espanhola se deu em 1975. Até então, os centros mais dinâmicos do hispanismo se encontravam fora da Espanha: os “desterrados”, encabeçados por Sánchez Albornoz e Américo Castro (e seu famoso debate sobre o que é ser espanhol), e os hispanistas europeus e americanos, distantes da influência do franquismo. A partir daí, os questionamentos ao regime se tornaram mais contundentes, o que se manifestou também entre os meios acadêmicos.²⁷ Finalmente, medievalistas inseridos nos quadros universitários começaram a fugir das visões tradicionais do medievalismo espanhol: em 1974 Abilio Barbero e Marcelo Vigil lançaram *Sobre los orígenes sociales de la Reconquista*²⁸, seguido pelo influente *La formación del feudalismo en la Península Ibérica*²⁹, combatendo a

²³ TAMBURRI BARIAIN, Pascual. El imaginario medieval en la universidad franquista. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija de Estudios sobre la Universidad*. CIAN, nº 4, 2001, pp. 267-298.

²⁴ MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. *Op. cit.*, p. 3.

²⁵ SARASA SÁNCHEZ, Esteban. El medievalista en el franquismo. In: *Revista de Historia Jerónimo Zurita*, nº 82, 2007, p. 28. A principal obra do frei Justo Pérez de Urbel foi a biografia de Sancho Garcéz III de Pamplona, cf. PÉREZ DE URBEL, Justo. *Sancho el Mayor de Navarra*. Madri: Espasa-Calpe, 1950.

²⁶ VICENS VIVES, Jaime. *Historia social y económica de España y América*. Barcelona: Vicens-Vives, tomo 2, 1972.

²⁷ SARASA SÁNCHEZ, Esteban. *Op. cit.*, p. 29.

²⁸ BARBERO, Abilio; VIGIL, Marcelo. *Sobre los orígenes sociales de la Reconquista*. Barcelona: Ariel, 1974.

²⁹ *Idem*. *La formación del feudalismo en la Península Ibérica*. Barcelona: Crítica, 1986.

antiga e consagrada interpretação de um destino manifesto espanhol de recuperação da Espanha perdida para os muçulmanos, em 711³⁰.

Outro movimento importante é a abertura dos medievalistas para a produção estrangeira, possibilitando um aprofundamento maior das pesquisas, tão marcadas pelo apego às fontes. Nesse novo contexto, surgem os trabalhos de Miguel Ángel Ladero Quesada, que, a partir de modelos comparativos com a Europa Central, inicia uma série de estudos buscando explicar a formação dos Estados Modernos, tendo como objeto o reino de Castela. Temos, portanto, os primeiros estudos sobre fiscalidade régia e burocratização das monarquias, para os quais o reinado de Alfonso X é essencial, dada a implementação da cobrança do *mayorazgo*, a generalização de um corpus legislativo único e uma especialização maior da chancelaria régia.³¹

É também o momento em que se inicia a especialização histórica dos medievalistas, assim como de diversificação dos métodos de pesquisa e, nesse sentido, temos os primeiros trabalhos de José Angel García de Cortázar sobre história rural, colocando como protagonistas da história econômica medieval a terra, os homens, o capital e o tempo.³² É a época do *boom* da História Social espanhola. Abundam os trabalhos sobre os processos de colonização e senhoriação das terras conquistadas, as formas de domínio senhoriais, a acumulação patrimonial, que se configuram como uma produção marcada por uma fraca base teórica e conceitual, a maioria consistindo em estudos monográficos³³.

Nessa nova perspectiva histórica, as divisões de terras se tornam especialmente significativas para as formas de dominação exercidas tanto pela nobreza quanto pela Igreja. Os fluxos de migração também ganham importância e, por consequência, a obra *repobladora* de Alfonso X ganha relevo entre os medievalistas, como Julio Valdeón³⁴, Mercedes Borrero³⁵ e Isabel Montes³⁶. Entretanto, desta geração, o maior especialista em Alfonso X é, sem dúvida, Manuel González Jiménez, que se dedicou a estudar a atuação do rei sábio na Andaluzia.

³⁰ SARASA SÁNCHEZ, Esteban. *Op. cit.*, p. 30.

³¹ Cf. LADERO QUESADA, M. Á. *Poder político y sociedad en Castilla Siglos XIII al XV*. Madrid: Dykinson, 2014.

³² SARASA SÁNCHEZ, Esteban. *Op. cit.*, p. 32.

³³ MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. *Op. cit.*, p. 5.

³⁴ VALDEÓN, Julio *et alli*. *Feudalismo y consolidación de los pueblos hispánicos*. Barcelona: Labor, 1982

³⁵ BORRERO, Mercedes. *La organización del trabajo: de la explotación de la tierra a las relaciones laborales en el campo andaluz*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2003.

³⁶ MONTES ROMERO-CAMACHO, Isabel. *Propiedad y explotación de la tierra en la Sevilla de la Baja Edad Media*. Sevilla: Fundación Fondo de Cultura de Sevilla, 1988.

Além de editar uma série de documentos oriundos das repartições andaluzas³⁷, González Jiménez também operou uma recuperação da trajetória de Alfonso X, que culminou na publicação de importante biografia sobre o rei³⁸. Se antes havia a tendência de se desvincular a obra escrita do reinado do rei sábio de sua atuação política, González Jiménez procurou articulá-las dentro da perspectiva de um projeto político monárquico, tornando impossível compreendê-las separadamente.

No entanto, paralelamente à renovação da História Social, temos a linha de estudos voltada para a História Política, comandada por Ladero Quesada. A influência dos estudos da gênese do Estado Moderno era clara, seguindo a linha inaugurada por Jean-Philippe Genet³⁹, Bernard Guenée⁴⁰ e Joseph R. Strayer⁴¹. Temos os trabalhos de José Maria Monsalvo⁴², importantes abordagens sobre centralização monárquica e aparatos de poder urbanos, assim como os de José Antonio Maravall, sobre a coexistência de concepções feudais e corporativas no pensamento alfonsino⁴³. Porém, o mais proeminente historiador desta linha é José Manuel Nieto Soria, estudioso das formas de poder medievais e da ideologia monárquica.

Nieto Soria apresenta uma perspectiva processual, articulando as evoluções da monarquia castelhana do século XIII até a desembocadura dos Estados modernos, no XVI. No conjunto de suas obras, especialmente o *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (siglos XIII-XV)*⁴⁴, o reinado de Alfonso X foi apresentado como o principal momento de articulação de uma teoria política monárquica em Castela, lançando as bases para uma progressiva centralização política em disputa com os direitos locais senhoriais. Nesse sentido, desvela-se uma ideologia monárquica da qual as obras artísticas e intelectuais promovidas pelo rei sábio se caracterizavam como principal arma de divulgação.

³⁷ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel (ed.). *Diplomatario andaluz de Alfonso X*. Sevilla, 1991; GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel e GONZÁLEZ GOMEZ, A. *El libro del repartimiento de Jerez de la Frontera*. Estudio y edición. Cádiz, 1980; GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. *Repartimiento de Carmona*. Estudio y edición. In: *HID*, nº 8, 1981, pp. 59-84; LADERO QUESADA, M. Á.; GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. *La población em la frontera de Gibraltar y el repartimiento de Vejer (siglos XIII-XIV)*. In: *HID*, nº 4, 1977, pp. 199-316; GONZÁLEZ JIMÉNEZ, M. *Alcalá de Guadaira em elsiglo XIII. Conquista y repoblación*. In: *Actas de las I Jornadas de Historia de Alcalá de Guadaira*. Alcalá, 1987.

³⁸ GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. *Alfonso X*. Burgos: La Olmeda, 1999.

³⁹ GENET, Jean-Philippe (ed.). *L'État moderne: genèse. Bilans et perspectives*. Colloque 1989. Paris, 1990.

⁴⁰ GUENÉE, Bernard. *O ocidente nos séculos XIV e XV (Os estados)*. São Paulo: Pioneira, 1981.

⁴¹ STRAYER, Joseph R. *As origens medievais do Estado moderno*. Lisboa: Gradiva, s.d.

⁴² MONSALVO, José Maria. *Centralización monárquica castellana y territorios concejiles (algunas hipótesis a partir de las ciudades medievales de la región castellano-leonesa)*. *Anales de la Universidad de Alicante. Historia Medieval*, nº 13, 2000-2002.

⁴³ MARAVALL, José Antonio. *Del regimen feudal al regimen corporativo en el pensamiento de Alfonso X*. In: IDEM. *Estudios de historia del pensamiento español: edad media*. Madri: Cultura Hispánica, 1983, pp. 97-145.

⁴⁴ NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (siglos XIII-XV)*. Madri: Eudema, 1988.

Por fim, associada à nova produção na área da História Política, também houve renovação das interpretações sobre a obra escrita alfonsina. Inés Fernández-Ordóñez se dedica a estudar a escrita historiográfica alfonsina através da *Primera Crónica General* e da *General Estoria*⁴⁵, enquanto Carlos Saéz traz nova uma nova abordagem ao tratar da visualidade das cartas de chancelaria do reinado do rei sábio⁴⁶. Jesús Montoya Martínez, por sua vez, trouxe importantes contribuições acerca do cancionero alfonsino, como as *Cantigas de Santa Maria*, e sobre o seu local de produção, o *scriptorium* do rei⁴⁷.

Neste pequeno mapeamento de como Alfonso X foi retratado ao longo da historiografia espanhola, é possível notar que dois são os grandes temas entre os estudos sobre seu reinado: sua obra escrita, por um lado, e sua atuação na repartição dos territórios incorporados na Reconquista, por outro. Apesar da antiga e arraigada visão negativa sobre sua atuação política, ligada à história dos grandes heróis exemplares – sua série de fracassos não o habilitava pra o rol dos grandes governantes –, refletida até mesmo na obra de História Social de Vicens Vives, nos últimos 40 anos essa situação foi revertida com a renovação historiográfica do final do franquismo.

A partir de então, novos problemas históricos surgiram: diante da única narrativa histórica da unidade espanhola, surgiram demandas sobre as histórias regionais das comunidades autônomas. Pôde-se, finalmente, reescrever o passado sob novos termos. Uma história que não necessita ser gloriosa pôde abrir espaço para um rei não tão glorioso, e uma nova luz pôde ser jogada sobre sua experiência política, não necessariamente tão negativa, buscando desvelar a natureza do poder régio – buscando desvelar a natureza do poder.

Além disso, o maior contato com a historiografia estrangeira contribuiu para a formulação de novas questões e novos métodos. Nesse sentido, a nova História Política foi essencial para o estudo do reinado de Alfonso X para além do signo do fracasso, mas pelos seus fundamentos ideológicos, políticos, jurídicos e teológicos. Foi esta última geração de historiadores que mais contribuiu para o mito de Alfonso X, por ter focado mais no monarca

⁴⁵ FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. El taller historiográfico alfonsí. *La Estoria de Espanna y la General Estoria* en el marco de las obras promovidas por Alfonso el Sábio. In: MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (coord.). *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las 'Cantigas de Santa María'*. Madri: Complutense, 1999.

⁴⁶ SAÉZ, Carlos. Documentos para ver, documentos para ler. In: *Anuario de estudios medievales*, nº 29, 1999, pp. 899-916.; SAÉZ, Carlos. El signo como emblema. In: *Anuario de estudios medievales*, nº 33, 1, 2003, pp. 339-396.

⁴⁷ MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús. O cancionero marial de Alfonso X, o Sabio. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1991; MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús. El scriptorium alfonsí. In: IDEM; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (coord.). *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las 'Cantigas de Santa María'*. Madri: Complutense, 1999.

que o rei sábio pretendia ter sido, vislumbrando-o através de sua obra escrita, do que no que ele foi em sua experiência vivida.

As imagens de *allende*

Como foi dito anteriormente, durante o franquismo, o debate medievalista mais dinâmico se encontrava fora da Espanha, entre os exilados e os hispanistas estrangeiros. O debate entre os “desterrados” foi praticamente monopolizado em torno da famosa contenda entre Claudio Sánchez Albornoz e Américo Castro sobre o que é ser espanhol; no entanto, a escola de Buenos Aires foi além de seu criador. Reyna Pastor foi brilhante em seus estudos de História Social, sendo a primeira a fazer coincidir História Social e História Econômica no combate à historiografia tradicional, influenciada tanto pela escola dos *Annales* quanto pelo marxismo.⁴⁸

Todavia, concernente a Alfonso X, a produção mais profícua foi realizada entre historiadores franceses, ingleses e americanos. Fora da alçada da influência do franquismo e imune aos tabus da grande narrativa da Reconquista enquanto mito originário, esses historiadores tiveram maior liberdade para explorar temas mais diversos.

Na Inglaterra dos anos 1950, Evelyn Procter fez sua importante contribuição ao se debruçar sobre o legado cultural do rei sábio, já tratando questões como a recepção da obra e o delicado tema da propaganda política, relacionando-o com a oficialização do castelhano como língua do reino. Além disso, ela considerou a possibilidade da própria participação do rei no fabrico de várias de suas obras, para além do papel de mero patrono das artes. Assim, a autora contribuiu para a ampliação da concepção do que seria o ideal do rei sábio.⁴⁹ Mas foi na historiografia americana que Procter teve seus seguidores.

Indo além da imagem tradicional do rei sábio, Joseph T. Snow chegou a proclamá-lo como trovador, localizando o próprio rei nas *Cantigas de Santa Maria* enquanto eu-lírico e fio condutor da obra poética.⁵⁰

Outro *topus* importante na historiografia americana foi certa insistência na tese do “caráter secular” da monarquia castelhana em comparação aos reinos de além-Pirineus. A chamada secularidade se daria pela ausência de um caráter sagrado, como a unção, ou até

⁴⁸ ASTARITA, Carlos. La historia social y el medievalismo argentino. In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre/BUCEMA*, n° 7, 2003, p.4. Cf. PASTOR, Reyna. *Conflictos sociales y estancamiento económico en la España Medieval*. Barcelona: Ariel, 1973; PASTOR, Reyna. *Del Islam al Cristianismo. En las fronteras de dos formaciones económico-sociales*. Barcelona: Península, 1975.

⁴⁹ PROCTER, Evelyn. *Alfonso X of Castile. Patron of Literature and Learning*. Oxford: Claredon, 1951.

⁵⁰ SNOW, JOSEPH T. The central rôle of the troubadour *persona* of Alfonso X in the *Cantigas de Santa Maria*. In: *Bulletin of Hispanic Studies*, n° 56, 1979.

mesmo mágico, como a taumaturgia ou a utilização de objetos simbólicos do poder régio, na fundamentação do poder monárquico, especialmente no reino de Castela. Esta interpretação um tanto quanto anacrônica do secular, tomando a ausência de rituais de sacralidade como laicidade, foi principalmente retratada nas obras de Peter Linehan⁵¹, Teófilo Ruiz⁵² e Joseph R. O'Callaghan⁵³.

O interessante é notar que esta tese cruzou o Atlântico e fez escola na França. Adeline Rucquoi baseia-se explicitamente no pensamento de Teófilo Ruiz para a produção de seu famoso artigo “De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza en España”⁵⁴. Nele, a taumaturgia e a unção são utilizados como modelo básico de monarquia cristã, assim como operado por Ruiz. A esta tese, a autora acrescenta que a secularidade da monarquia castelhana se dá porque o fundamento básico de seu poder reside na ideia de *imperium*, hipótese que ela já havia defendido em *História medieval da Península Ibérica*. Segundo essa perspectiva, as *Siete Partidas* seriam uma importante fonte sobre as práticas e costumes na consagração dos reis, e a ausência de uma lei específica sobre a unção, momento próprio da sacralização, corroboraria esta visão.

Algumas conclusões

Buscamos aqui traçar a trajetória do mito historiográfico de Alfonso X, focando na produção do século XX. Esperamos que tenha ficado claro que a imagem de grande monarca medieval foi uma construção recente da historiografia numa revalidação de seu projeto político apesar de seus fracassos, numa conjuntura já posterior ao franquismo. Até então, a visão hegemônica sobre o reinado do rei sábio depositava seu valor em sua obra escrita, como grande promotor das artes e do conhecimento. Em segundo plano, havia o reconhecimento de seu empenho no repovoamento da Andaluzia reconquistada, mas também sob o signo do fracasso (afinal, Vicens Vives o responsabilizou pelo problema dos grandes latifúndios andaluzes).

⁵¹ LINEHAN, Peter. Frontier Kingship: Castile, 1250-1350. In: BOUREAU, Alain; INGERFLOM, Claudio-Sergio (dirs.). *La royauté sacrée dans le monde Chrétien*. Colloque de Royaumont, mars 1989. Paris: Éditions de l'EHESS, 1992, pp. 71-79.

⁵² RUIZ, Teófilo F. Unsacred Monarchy: The Kings of Castile in the Late Middle Ages. In: WILENTZ, S. (ed.). *Rites of Power*. Symbolism, Ritual and Politics since the Middle Ages. Filadélfia: University of Pennsylvania, 1985, pp. 109-144.

⁵³ O'CALLAGHAN, Joseph F. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria – a poetic biography*. Col. The Medieval Mediterranean – peoples, economies and cultures, 400-1453, vol. 16. Leiden/Boston/Köln: Brill, 1998.

⁵⁴ RUCQUOI, Adeline. De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza em España. *Rex, sapientia, noblitas: estudos sobre la Península Ibérica medieval*. Granada: Universidade de Granada, 2006, pp. 9-46.

Sabendo-se que, apesar de Alfonso X ser representado como derrotado politicamente, seu filho Sancho IV sequer se tornou um rei notório, tendo sido o projeto do rei sábio o que ficou conhecido na posteridade, e não o de seus opositores, podemos concluir que, na Idade Média, havia outras formas de propaganda política e de disputa de poder além da produção escrita, inclusive frequentemente mais eficazes do que ela.

No entanto, com a vitória do escrito no transcorrer da História, o discurso que ficou foi o daquele que mais se utilizou da forma de poder que se consagrou *a posteriori*: em outras palavras, a imagem do rei sábio foi recuperada por se adequar às formas mais modernas de monopólio do discurso político. Um fator que contribuiu para isso foi a tradição da historiografia espanhola de estudos diplomáticos, análises textuais e edições de fontes escritas. Um reinado que deixou tão vasta produção escrita certamente se sobrepõe a outros discursos produzidos durante a Idade Média ibérica.

Por fim, a recente consagração do rei sábio enquanto erudito e governante foi responsável pelo fabrico de um novo mito historiográfico, tanto que Julio Valdeón pôde publicar recentemente um livro intitulado *Alfonso X el Sabio: la forja de la España moderna*⁵⁵. Finalmente tornou-se possível estudar seu reinado sem o “apesar de seu fracasso”: uma produção distante da égide da exemplaridade, sem julgamentos teleológicos, que articula a dialética entre os projetos políticos e a possibilidade de sua aplicação de acordo com a conjuntura. Integrando, enfim, o que ficou escrito e a sua trajetória: o que Alfonso X foi e o que ele pretendia ter sido.

Referências bibliográficas

Livros

BALLESTEROS BERETTA, Antonio. *Sevilla en el siglo XIII*. Sevilha: Ayuntamiento de Sevilla, 2007.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

BURNS, Robert I. (ed.). *Emperor of Culture: Alfonso X the Learned of Castille and His Thirteenth-Century Renaissance*. Pensilvânia: University of Pennsylvania Press, 1990. Disponível em: <http://libro.uca.edu/alfonso10/emperor.htm>. (Acesso em 05/06/2016, às 20:45h)

GENET, Jean-Philippe (ed.). *L'État moderne: genèse. Bilans et perspectives*. Colloque 1989. Paris, 1990.

GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. *Alfonso X*. Burgos: La Olmeda, 1999.

_____. (ed.). *Diplomatario andaluz de Alfonso X*. Sevilha, 1991

⁵⁵ VALDEÓN, Julio. *Alfonso X el Sabio: la forja de la España moderna*. Barcelona: RBA, 2006.

- _____. *Estudios Alfonsíes*. Granada: Universidad de Granada, 2009.
- GUENÉE, Bernard. *O ocidente nos séculos XIV e XV (Os estados)*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- LADERO QUESADA, M. Á. *La formación medieval de España*. Madrid: Alianza, 2011.
- _____. *Poder político y sociedad en Castilla Siglos XIII al XV*. Madrid: Dykinson, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006, v. I e II.
- NIETO SORIA, José Manuel. *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla (siglos XIII-XV)*. Madrid: Eudema, 1988.
- RUCQUOI, Adeline. *História medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- VALDEAVELLANO, Luis G. de. *El feudalismo hispánico*. Barcelona: Crítica, 2000.
- VALDEÓN, Julio et alli. *Feudalismo y consolidación de los pueblos hispánicos*. Barcelona: Labor, 1982.
- VICENS VIVES, Jaime. *Historia social y económica de España y América*. Barcelona: Vicens-Vives, tomo 2, 1972.
- STRAYER, Joseph R. *As origens medievais do Estado moderno*. Lisboa: Gradiva, s.d.

Artigos

- ASTARITA, Carlos. La historia social y el medievalismo argentino. In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre/BUCEMA*, nº 7, 2003.
- GONZÁLEZ JIMÉNEZ, Manuel. Alfonso X, rey de Castilla y León (1252-1284). In: MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (coord.). *El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las 'Cantigas de Santa María'*. Madrid: Complutense, 1999.
- MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. Tradiciones y tendencias en el Medievalismo español. In: *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre/BUCEMA*, nº8, 2004.
- NIETO SORIA, José Manuel. El reino: la monarquía bajomedieval como articulación ideológico-jurídica de un espacio político. In.: *Los espacios de poder en la España medieval: XII Semana de Estudios Medievales*, Nájera, del 30 de julio al 3 de agosto de 2001, 2002.
- RUCQUOI, Adeline. De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza en España. *Rex, sapientia, nobilitas: estudios sobre la Península Ibérica medieval*. Granada: Universidad de Granada, 2006, pp. 9-46.
- SARASA SÁNCHEZ, Esteban. El medievalista en el franquismo. In: *Revista de Historia Jerónimo Zurita*, nº 82, 2007, pp. 27-38.

Dissertações

- FONTES, Leonardo. *Às margens da cristandade: os moros d'España à época de Alfonso X*. 2011. 321f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- KLEINE, Marina. *El rey que es fermosura de Espanna: imagens do poder real na obra de Alfonso X, o Sábio (1221-1284)*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SOUZA JUNIOR, Almir Marques de. *As duas faces da realeza na Castela do século XIII: os reinados de Fernando III e Alfonso X*. 2009. 188f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.